

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE OUTUBRO DE 1916

ANO I—N.º 7

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$00 SEMESTRE... \$50

NÚMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

VIAGEM COMPLEMENTAR DOS CAMINHOS DE FERRO

II

EM aditamento ao que no nosso ultimo numero, dissémos, vamos ainda fazer algumas considerações sobre o assumpto.

Um paiz como o nosso em que as linhas ferreas, parecem terem sido feitas para se afastarem das povoações, está naturalmente indicada a sua aproximação por automoveis ou outras linhas secundarias de caminhos de ferro.

Sobre este ultimo caso já alguma coisa se fez para exemplo, a linha ferrea de Lixa, Penafiel a Entre-os-Rios, sobre o leito da estrada, mas apesar do seu enorme desenvolvimento e a sua economica tracção, ainda ninguém pensou em imita-la.

Outro meio havia ainda, a tracção electrica, por meio de quedas de agua, que tantas ha por esse paiz fóra, mas tambem nada se tem feito.

Por isso não nos parece viavel esse meio de locomoção para o complemento dos caminhos de ferro.

Só as carreiras de automoveis, bem organisadas, poderão dar aos passageiros as facilidades de transporte, e fazer a economia e o desenvolvimento necessario da nossa rede ferroviaria.

Alvitámos no nosso ultimo numero as carreiras de automoveis por empresas particulares, com subsidios ou facilidades das camaras municipais e administrações ferroviarias, e hoje vamos dar um novo alvitre, e este certamente será o de mais pratico efeito.

Em França a linha Paris-Lyon-Mediterranée, e muitas outras, como seja a Midi, tem um serviço seu de auto-

moveis, das estações dos caminhos de ferro aos pontos importantes, como sejam cidades, aguas thermaes, pontos de altitude, etc., na mira é claro de desenvolver o trafego das suas linhas.

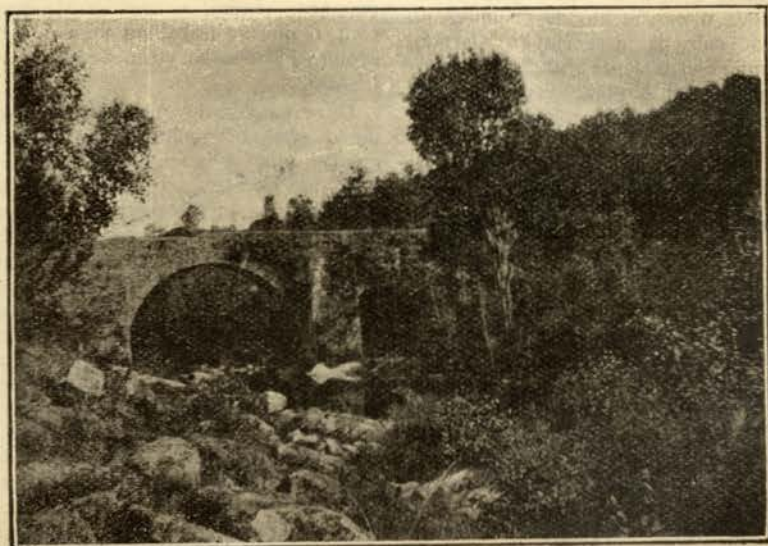
Este serviço, está ali magnificamente montado, pois que os automoveis, de grande capacidade uns e outros de mais reduzidas dimensões, fazem por assim dizer todo o trafego de passageiros e recovagens para o caminho de ferro com grande economia de tempo para o publico.

Mas não é só das cidades e vilas

para o caminho de ferro, a horas certas, que esses caminhões fazem serviço, é tambem para os pontos de altitude, e para os sitios pitorescos, onde os passageiros vão ás dezenas, para não dizer ás centenas, e com o seu logar marcado com a antecedencia que desejarem, tendo assim a certeza de uma viagem repleta de comodidades e sem embaraços de nenhuma especie.

E ainda ha mais, a Companhia Paris-Lyon-Mediterranée, a que nos referimos, tem uma carreira de automoveis em competencia com o seu caminho de ferro, só para proporcionar um ponto de vista empolgante aos seus passageiros.

Entre nós já alguma coisa se tentou, a Companhia da Beira Alta, adquiriu ha anos, 5 auto-omnibus, para fazer carreiras das suas estações aos pontos mais importantes da zona da sua linha, mas a má qualidade dos autos, e a



ARREDORES DE LISBOA — UMA PAISAGEM

difficuldade de adquirir os que lhe faltavam para o completo serviço que pretendia, obrigou-a a desistir da tarefa, é claro, com grave prejuizo para o seu trafego.

E nenhuma outra linha ferrea precisava mais de tal serviço, nem outra teria melhores elementos para o seu bom exito.

A linha da Beira Alta, tem povoações importantes, muito afastadas da sua linha, mas servidas por magnificas e bem conservadas estradas, que lhe permitiriam fazer o serviço com grande economia.

Citaremos porém um exemplo, de Vila Franca dos Naves, sahém duas estradas, que vão dar á linha do Douro, uma por Trancoso, e Fozcoza para o Pocinho e outra por Pinhel e Figueira de Castelo Rodrigo para Barca d'Alva, ora duas carreiras de automoveis por estas duas estradas, teriam um movimento importante, já por serem o ponto de união das linhas ferreas da Beira Alta e Douro, e já pelas terras importantes que tinham na sua passagem.

Podiam, pois as empresas ferroviarias, organizar um serviço de automoveis com carros todos do mesmo tipo, embora uns com maior ou menor numero de logares, segundo a localidade a que se destinassem, e as respectivas oficinas de reparação, em sitios centrais, de forma a que um automovel podesse facilmente ser reparado.

Inutil será encarecer o resultado pratico d'este serviço, pois os caminhos de ferro só teriam n'isso um incentivo ao seu trafego, e o turismo teria um dos seus melhores incrementos.

Bem sabemos que a ocasião não é azada para se tratar de dar prompto seguimento a esta ideia, o que não quer dizer que se não se lhe vá dar já o estudo e a atenção que a caso requiere, pois uma vez a guerra terminada o movimento de viajantes no nosso paiz, ha-de ser muito elevado, e um serviço d'estes, retelos-hia mais algum tempo a gavar as nossas paisagens e os nossos monumentos.

GUERRA MAIO

SPÉLEOLOGIA OU A SCIENCIA DAS CAVERNAS

O illustre literato sr. Dr. Alfredo Ansur, vae a partir do proximo numero, escrever na nossa revista, uma serie de artigos subordinados ao thema *Spéleologia ou a Sciencia das Cavernas*, que a avaliar pela competencia do seu auctor, podemos fazer um juizo do quanto a sua colaboração será apreciada pelos nossos leitores.

Do mesmo auctor já hoje publicamos uns versos cheios de interesse e originalidade.

OS HOTEIS EM PORTUGAL

UMA vez fundada, a Propaganda de Portugal cuidou desde logo de empregar todo o seu esforço no sentido de conseguir que os hoteis portugueses, talvez os peores da Europa, se modificassem inteiramente e viessem a ser quanto antes, senão modelares, pelo menos limpos e aceitaveis. E' que, sem bons hoteis, nunca o nosso paiz pode ser nem visitado pelo estrangeiro, nem amado ou admirado pelos proprios nacionaes. A soma de esforços dispensados para conseguir os seus desejos, tem sido estupenda, sem que lhes correspondam resultados inteiramente satisfatorios. A Propaganda, aproveitando com criterio todos os auxilios que lhe têm sido oferecidos, ainda não desanimou, nem um instante sequer, apesar de não poder facilmente dizer-se, de que grandeza têm sido os obstaculos apparecidos na sua frente e que tem sido absolutamente forçoso remover. A hostilidade e a indiferença têm a cada passo procurado entrar a sua obra patriótica. Entretanto, servindo-se de concursos, conferencias, premios pecuniarios e honorificos, a Propaganda não deixou jámais de lutar pelo rejuvenescimento da industria hoteleira, sem ter logrado para a sua acção intensa um resultado pratico lisonjeiro. Quer isto dizer que tudo se haja perdido? De nenhum modo, devendo até registrar-se que tem qualquer coisa de muito grande o que já se conseguiu, se atendermos á acção da rotina e á inercia tradicional da nossa raça e favorecida por este nosso excelente clima do contacto com o qual falecem quasi todas as grandes iniciativas. Comparemos, porém, o que se alcançou com o que se trabalhou para o conseguir. Ficar-se-ha cheio de magua e tristeza.

Os exemplos do que deixamos alirado são aos molhos. Mas citemos apenas um. A guerra europeia, fez com que os nossos hoteis auferissem optimos lucros nas ultimas temporadas. Praias e thermas, estações de inverno e de repouso tem regorgitado de clientela. Os hoteis têm tido as algibeiras abarrotadas. Não seria para desejar que, d'esse facto, surgisse uma era de progresso para as thermas nacionaes? Pois não resultou. Os exploradores da industria do turismo acharam que tudo estava bem e continuaram como d'antes á espera do freguez que ha de fatalmente cahir-lhe nas mãos por não ter por onde escolher. O espirito comercial portuguez é assim. O que se ha de fazer? A Propaganda, porem não desistiu, nem

isso está nos seus habitos. Assim, resolveu ela insistir cada vez mais junto dos hoteleiros, para os forçar a mudar de rumo, adoptando para isso uma serie de medidas, que vão sendo methodicamente postas em acção. A Repartição de Turismo, em officio, acaba, por exemplo, de ser solicitado que empregue toda a sua reconhecida boa vontade no sentido de conseguir que os sub-delegados de saúde de todo o paiz exerçam junto dos hoteis toda a possivel pressão, no sentido de forçarem os hoteleiros a cumprir todas as prescrições hygienicas indispensaveis em estabelecimentos d'essa natureza. E' aquela Repartição, cujo patriotico empenho em melhorar o turismo em Portugal está de ha muito comprovado, decerto que ha de atender com a maior solicitude o officio da Propaganda colhendo ao mesmo tempo um conjunto de informações que a habilitem, e á própria Propaganda de Portugal, a conhecer quais os hoteis que merecem a confiança de quem viaja e os que não podem merecer essa confiança. Dados os bons desejos, muitas vezes manifestados, da Repartição de Turismo, e os sentimentos patrióticos dos sub-delegados de saúde, dos quais, como de ninguém, depende, pelo que respeita á hygiene, o aperfeiçoamento da industria hoteleira, é de crer que a iniciativa da Propaganda surta os devidos efeitos e dê resultados superiores a toda a expectativa.

Da Direcção, de Ovar.

CONFERENCIA SOBRE TURISMO

No casino das Thermas de S. Pedro do Sul, realizou no dia 17 de setembro ultimo, o nosso redactor principal, sr. Guerra Maio, uma conferencia subordinada ao thema *O Turismo e a região de Lafões*, a que assistiu tudo quanto mais selecto havia na colonia aquista e na sociedade dos concelhos de S. Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades.

Não permite o exíguo espaço de que dispomos, dar aos nossos leitores sequer os topicos do que foi essa palestra, o que faremos no proximo numero.

O nosso camarada da redação, depois de uma estada de perto de 20 dias em Lafões, regressou a Lisboa, extremamente sensibilizado com as atenções de que foi alvo durante a sua estada ali.

ARTE E LITERATURA

ADEUS AO LÊNA!

(Trova de YGIERNA ANSÚR)

I

Da Queijida em bosque umbroso
Sallou ceado caviloso

Sempre onci;

Que a um caçador porfioso
Leva a Sítio milagroso

Também li.

Beada, no alcor nevoeiroso,

Dom Fuas: Ah! Desditoso,

«Me perdi!»

E logo, em tom pavoroso:

«Virgem do Céu glorioso!

Acudi!»

II

Em Porto de Moz fragoso,
(Por tal heroe bem fanioso).

Não nasci.

Foi, do Tejo esplendoroso,

No florão mais precioso,

Que a luz vi.

Mas, de onze anos, tenho o goso

De o Lêna ver gracioso,

Qual huri.

Em Setembro vendimos,

Seu rosto meigo e bondoso

Me sorri.

III

Se da Batalha o rubi,
Com mil rendas em marfi,

E radioso,

Dos seus cornechos desci,

Pois, Queijida, preferi.

Teu espóso,

Como esquecido de si,

E teu cinto de seti

Primoroso,

E amante feliz, se vi

Da Vieira, que o aguarda ali,

Peito ancioso.

IV

Pois afastar-me daqui,
O doce Lêna, (tal de mi?)

E forçoso,

Crê bem que levo de ti

Meu coração no zení

De saudoso.

Por que en veja o teu jardim

Todo em cristais de jazmi

Bem copioso,

Tô ouçires que en parti,

Do Láz às zagalas i

Mais moroso.

SONHO DESFEITO

Meu pobre sonho, louca fantasia;
visões febris d'uma paixão ardente,
doces quimeras que, minha alma crente
n'um puro amor, fantasiou um dia!

Eis-vos em pó, em nada finalmente!

Matou-vos a crueza dura e fria

d'uma mulher que em fera zombaria

se riu de vós e vos troçou mordente.

Meu coração, não creias na mulher!

Não creias n'ela quando te disser

que tua, só por ti d'amor delira!...

Não creias nos afetos que te jura!

Amor de mulher!... Engano, impostura,

sonho, quimera, uma ilusão, mentira!

?!...

Com que então custa-te muito a acreditar
que depois de tanto despresado ser
pudesse eu ainda para ti olhar
e d'amor por ti meu coração bater?!...

Não sabes que é amar!

Quando o amor é forte e grande e a valer
ninguém o tira já da alma que enlaçou;
d'ela tem a vida e n'ela ha-de viver:
sustenta-o a dor se a 'sperança lhe altou.

Custa-te ainda a crer

que se possa assim gostar d'uma mulher
e se lhe possa entregar o coração
que sabemos ser sempre despresado?

Fica-o sabendo, então:

quer acredites ou não,

é assim mesmo que te tenho amado.

JORGE AFONSO

UM PASSEIO EM CASCAES

Em um artigo inserto n'esta Revista, demos a impressão geral d'um passeio pela linda «Costa Dourada»; não nos parecendo, pois, demais que, como complemento da descripção que fizemos, nos alonguemos por essa villinha, que a Natureza rididamente collocou sobre uma original ponta d'esta margem do verde Atlantico e que se chama *Cascaes*, onde termina a «Costa Dourada».

Passemos por ella e observemos um pouco da sua vida, dos seus encantos, deixando as tristezas para outro dia...

Toda a gente conhece Cascaes; e, apesar do dicto popular: *a Cascaes uma vez e nunca mais*, não ha, certamente, pessoa alguma que, indo alli uma vez, não fique sem vontade de repetir o passeio. É porque elle tem muitos attractivos e muitas seducções; e se nem todos o apreciam com aquella satisfação de quem vive mais moral do que materialmente, outros ha, todavia, que o fazem por simples gozo visual e por uma natural distracção.

A vida de Cascaes, nos dias uteis da semana, é—por assim dizer—banal e igual á das outras praias, com o nascer do sol á mesma hora, com o afan dos primeiros alvares do dia, com as banhistas a espreguiçarem-se languidamente pela tarde, com as partidas de *tennis*, com o chásinho reconfortante das cinco horas, enfim—com todos os motivos que a vida privilegiada inventa para entreter os ocios durante a sua existencia.

Mas, ao domingo, essa aristocratica praia muda de semblante, apresentando-se-nos com aspectos multiplos e variados. O sol envia-lhe mais brilho pelos seus dardejantes raios. A flora limpa-se, sacode-se da poeira da semana e mostramos as suas *toilettes* em varios tons d'um verde seductor. Nas janellas, nas ruas e nos passeios ha o interessante colorido dos vestidos femi-

rearem todo o enlevo que lhe dá sêr todo o encantamento das bellezas naturaes e artificiaes que a distinguem, no magnificente conjuncto que tanto interesse desperta n'este pequenino povo do extremo occidente, onde as frivolidades são mais queridas e desejadas do que a realidade.

Atravessemos, pois, Cascaes, e gozemos tambem as suas purezas e os seus artificios. Sigamos caminho a direito, mas lentamente, para podermos retratar no nosso espirito, como em impressionavel pellicula, os diversos quadros que se nos depararem á vista e saborearmos os aspectos que se disfructarem do nosso caminho.

Tudo quanto formos vendo é da auctoria do Créador; portanto não nos devemos cançar á procura de semelhanças superfluas, mas tão sómente apreciar, na medida da nossa sensibilidade e pela forma que mais nos impressionar, a fita que se fôr desenrolando a nossos olhos.

Como todo o forasteiro que a visita, devemos dirigir-nos para a

Bocca do Inferno, pois que o caminho que lhe dá accesso é o mais central e, por isso, o mais concorrido e o unico que se presta a uma observação geral.

Deixemos a Avenida Valbom onde perpassa a essencia das arvores que povoam o Monte Palmella, perfumando as primeiras casas da Villa;

relanceemos um olhar para o Jardim do Visconde da Luz, *aromatizado* pela briza do mercado de peixe e da ria que corre a seu lado; atravessemos o Largo da Camara, banal e sem esthetica, e subamos pelo Baluarte, que é como que o Chiado de Cascaes.

Devemos fazer partir d'ahi a nossa

A «COSTA DOURADA»
ESTORIS

observação, porque na estrada que nos ficou para traz nada ha digno de nota especial. Tudo é, mais ou menos, corrente.



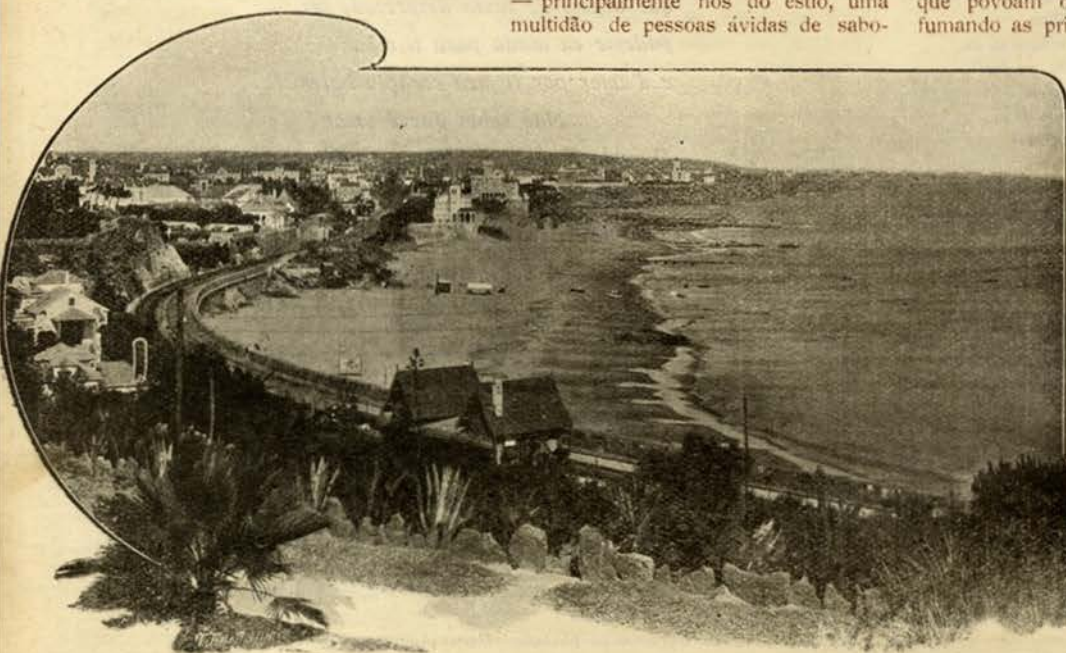
CASCAES

CHALET

LENCASTRE

E

PALMELA



Mas a começar da praia ha a admirar-se a Natureza e a Arte, esta — principalmente — em todas as suas manifestações; e a que mais nos seduz é justamente a que se nos apresenta traçada n'essa vida d'uma sociedade heterogênea em origem, prazeres, gostos e appetites, mas fazendo-nos crer que todos commungam nos mesmos pensamentos.

Assim notamos logo que muitas famílias, por submissão a uma baloufa vaidade habituaram-se a passar o verão em Cascaes, unicamente pelo facto de ser a praia perto da capital que maior renome tem. Como porem, ali, apenas se divertem — embora com prazer material — as pessoas que formam o *cerne* da sociedade elegante, essas famílias, que nunca podem acclimatar-se a simples condição de gozarem só as festas publicas, habituaram-se igualmente — como immediata consequencia d'essa situação — a dizer, com mal-imitado e fingido snobismo, que *Cascaes está uma maçada...*

Isto não só demonstra a deficiencia e os maus processos da educação que é ministrada no nosso Paiz, onde tudo se faz por imitação e nada ha de original, como tambem representa uma depressão em todo o nosso organismo, que se vem manifestando pavorosamente.

A nossa pena está sem querermos guinando para a banda d'idéas que não tinhamos ao principiar esta proza (e perdê-se-nos a derivação...); por isso vamos travar-lhe o andamento e guial'a pela estrada fora, como ligeiro automovel seguindo o seu roteiro, em direcção ao Pharol da Guia, depois de rodearmos a Cidadella, outr'ora tão brilhante e hoje tão soturna, e de fazermos mergulhar as nossas maguas no fundo d'esse poço que se chama a Bocca do



CASCAES
ESPLANADA

Inferno, por onde um destino mofino tem conduzido para o Alem as suas proprias victimas.

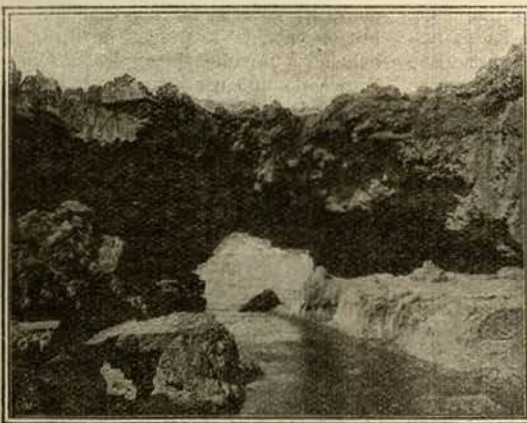
— Que gozamos, porem, até aqui? Muita coisa: a nossa alma sentiu expandir-se perante o inimitavel panorama que se disfructa do antigo passeio Maria Pia; os nossos sentidos dulcificaram-se com a frescura do jardim da Parada, e a nossa mente accorrem em turbilhão as lembranças do

passado, sorvidas no ambiente que domina o Sporting-Club. Os nossos olhos regozijaram-se na estylisação portugueza d'umas vivendas construidas á beira do caminho, e satisfizeram-se de pleno gozo ao contemplarem a antiga vivenda O'Neill. A nossa vista alongou-se, depois, por esse Oceano infinito, como que adormecendo sobre as recordações que nos fizeram ainda vibrar a alma. E n'essa meia lethargia continuamos, tonificando insensivelmente os pulmões com a briza oxigenada duplamente pelo mar e pelas estevas do campo, até que a pyramide conica onde assenta o pharol da Guia, nos desperta com satisfação igual á que se manifesta nos navegantes quando lobrigam esse marco da Terra desejada.

Paremos ahi um pouco, para darmos alento ao nosso espirito, ao mesmo tempo que analysamos o rodopiar das equipagens e dos automoveis, conduzindo os veraneantes e os passeantes.

Então vemos como se estadeia a opulencia, como se exhibe a mediania e como se mostra a pobreza. E' um quadro verdadeiro.

Adeante — que isto não é um artigo



CASCAES
BOCA DO INFERNO

de critica, e a nossa sensibilidade regozija-se muito mais na apreciação do Bello, que na de superfluo.

Prosigamos, pois, a enlevar o nosso espirito e a satisfazer a nossa alma n'essa linda e espessa floresta que é a do sr. conde de Moser.

Transposto o portico, a nossa vista é rapidamente attrahida para uma esplendida estrada que, de começo, nos dá a sensação de ir ter ao Ceu. Corta ella, perfectamente a direito, essa encantadora matta de pinheiros esguios, onde o ar, tépido, é levemente perfumado pela seiva das arvores. Corre-se, anda-se e caminha-se, e a vista só distingue mais estrada, a continuação d'esse original corredor, ao fundo do

qual serve de parede o azul do infinito esbatendo-se suavemente na esverdeada agua do Atlantico. No fim d'essa étape onde a monotomia é dominada pelo prazer do socego, entre-



CASCAES
UM TRECHO DA ESPLANADA

cortado pelo murmurar poetico da folhagem, attinge-se a *Praia do Guincho*, já celebre pelos *pic-nics* que n'ella se tem realizardo e pela sua pouco vulgar configuração.

Chega-se ao limite do passeio por Cascaes; e a impressão que então sentimos é absolutamente differente da que experimentámos ao inicial'o. Todo o nosso ser exulta, agora de contentamento. Sentimos o espirito tonificado, a alma refeita das impurezas que n'ella passageiramente se depositaram. Respira-se livremente essa briza a que o fodo do mar põe um salutar odor; e os nossos olhos descançam na melancholia da agua, enquanto o corpo repousa sobre a fria pedra da materialidade...

JOSÉ LISBOA.

NÓS E A IMPRENSA

O nosso brilhante colega lisboeta «A Republica» transcreveu com palavras de lisongeiro elogio ao nosso redactor principal, o artigo *Praias e Banhistas*, do numero de 20 de agosto, a que deu o interessante titulo de *Um film do Minho ao Guadiana, As praias de Portugal*.

Tambem o nosso illustre colega «Jornal de Lafões» transcreveu o artigo *S. Pedro do Sul*, do nosso numero de 5 de setembro.

A ambos enviamos a expressão viva do nosso reconhecimento.

MULHERES DO NORTE

ROSADAS, frescas e sadias *vendendo saúde*, como diz o vulgo, as mulheres do Norte apresentam um tipo inconfundível com o de todas as das outras partes de Portugal. Quer envergando a *andaína* do trabalho quotidiano, quer o garrido e espectacular *trajo de vêr a Deus* elas atraem, como nenhuma outra, as geraes atenções de quantos as vêem.

Veja-se como, n'um primoroso artigo impressionista, as descreve Ramalho Ortigão n'aquela sua prosa tão sã e tão escorreita:

O mercado semanal em Vianna celebra-se às sextas feiras, n'um largo lançado da estrada macadamizada, á beira da água, ao pé do jardim.

A feira é constituída por mulheres de todas as freguezias circumvisinhas, d'aquem e d'alem rio. Chegam de manhã, enfileiram-se ao lado umas das outras, em tres ou quatro ordens de extensas alas paralelas, pousam no chão os cestos com as respectivas mercadorias, e vendem de pé á multidão que preenche os espaços intermediarios de fila para fila, os ovos, a manteiga, o pano de linho, a sirguilha ás *risças*, as rendas, todos os variados e curiosissimos productos das industrias caseiras dos arredores.

Não ha uma barraca, nem um toldo, nem um guarda sol aberto. O sol cae de chapa em cada figura, e a luz, intensissima, verberada do limpido ceu, refrangida pelo espelho do rio, inunda n'uma claridade triumphal, verdadeiramente gloriosa, esse vasto quadro deslumbrante.

As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pitorescas, as mais graciosas, as mais variadas de cor e de linho, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminina.

As saias curtas, descobrindo a base pyramidal da perna nua, são de pano carmezim ou de sirguilha, de uma infinita variedade de combinações de lã urdido em estopa, em linho e em algodão: brancas ás listras pretas, castanhas ou azues; cinzentas ás riscas vermelhas, azues, castanhas ou brancas, n'uma enorme diversidade de tons.

Camisas de grosso linho alvissimo, mangas largas, bordadas em apanhados bysantinos no alto do braço, bordadas em entremeios abertos no mesmo linho sobre os hombros, bordadas ainda a linhas de côres, á russa, nos canhões chatos, muito justos ao pulso.

Grandes colarinhos redondos, de renda ou de linho, com barra de folho ou barra de renda. O colete muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou preto, sempre guarnecido de uma larga barra de veludo preto lavrado no estylo de Utrecht, ordinariamente posponado n'uma espiguiha de ouro ou de prata.

Os cós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em prégas miudissimas, presas aos debruns encarnados, pretos ou azues.

Os aventaes estreitinhos e curtos, encabeçados em funéus de linho bordado a côres, são de sirguilha com soberbos bordados em ponto de tapete, nos mais ricos tons de escarlate e de azul persa.

Brincos largos de liligrana de ouro. Colares de contas de ouro liso.

Algibeiras pendentes da cintura a um lado, em ampla *châtelaine* de pano, com aplicações polychromas guarnecidas de lentejoulas.

Os lenços da cabeça em toucado de diversas formas, já em grande laço como na Alsacia, fazendo diadema sobre os cabelos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça á semelhança do que usam as mulheres dos Apeninos, já envolvendo o rôlo da trança sobre a nuca e cahindo em duas pontas sobre as espaldas, são ordinariamente vermelhos, de um magnifico vermelho ardente, de purpura cor da flôr dos cactus.

RAMALHO ORTIGÃO.

SERVIÇO RAPIDO
LISBOA-PARIS

Como já noticiámos na nossa revista, começou a circular um comboio rapido internacional pela Beira Alta, que faz o serviço de Lisboa a Paris em 46 horas, o que nas actuaes circunstancias é importantissimo.

Para a organização d'esse comboio, que não é mais que o seguimento do rapido n.º 51 da Companhia Portuguesa, que de Lisboa parte ás 8,30, grandes sacrificios fez a Companhia da Beira Alta, pois teve que acelerar a marcha do seu comboio n.º 3, dando-lhe uma velocidade superior á do *Sud Express*, mas agora com a proxima volta á antiga hora, fica prejudicado tão excelente comboio,

pois que tendo a Hespanha depois a hora igual á nossa, ha uma diferença contra nós de 60 minutos que é impossivel a Beira Alta ganhar no trajecto Guarda — Villar Formoso, onde a marcha do comboio é mais lenta.

Para a ligação a que nos referimos, a Companhia de Salamanca á Fronteira de Portugal, retardou 45 minutos a partida de Fuentes de Onoro ao seu comboio correio, tempo esse que foi ganho pela Companhia Medina-Salamanca, sendo portanto a chegada a Medina á hora que era antigamente, 1,8.

Ora como entendemos que, por motivo nenhum devemos deixar morrer tão magnifico comboio, não nos parece demasiado exigir da Beira Alta, que acelere a marcha do seu comboio no trajecto de Guarda a Villar Formoso, de forma a ganhar 40 minutos, deixando ao superior criterio das companhias hespanholas, também interessadas no assumpto, ganhar os 20 minutos restantes, e quando o não possam fazer que mudem a chegada do comboio a Medina da 1,8, para 1,28, hora bastante sufficiente para se fazer a ligação para Madrid ou Hendaya, pelos comboios expressos do Norte de Hespanha.

E' tão vital, para as nossas relações internacionaes, a continuação deste serviço, que nos leva a suplicar das companhias que o não deixem morrer pois é o que mais comodidades oferece nas actuaes conjuncturas aos passageiros.

EXPEDIENTE

Estamos procedendo á cobrança das assignaturas do 1.º semestre, e por isso rogamos ás pessoas que se dignaram aceitar a nossa revista, satisfaçam a sua importancia para nos evitar trabalho e despesas.

Acaba de abarrecer:

EM TEMPO
DE GUERRA
A VIDA MILITAR

Contos, episodios e narrativas

Compilação de ALBERTO BESSA

A' venda em todas as livrarias

Preço 20 centavos (200 réis)

PAISAGENS PORTUGUEZAS

A SERRA DE S. MACARIO

JÁ ali está o carrinho, meu senhor. Murmurou a servente da pousada, batendo com os nós dos dedos na porta do meu quarto, enquanto o

guerreiro e bondoso das antigas eras. Chama-se Pombal, o honrado velho, e em dez leguas em redor é respeitado e conhecido pela sua palavra firme e caracter integro.

Duas eguas aparelhadas nos aguardavam, e Pombal, que se prestara a meu guia, oferece-me a de passo

SANTA CRUZ DA TRAPA
E AO FUNDO
A SERRA DE S. MACARIO

mais seguro e a de melhor sela.

Cavalgámos. A manhã rompia, e pelo caminho pedregoso, e

regando os milharões e os caminhos. A janela apareceram rostos tímidos de raparigas, de olhar meigo e nos saúdam com estranheza de nos ver àquela hora matinal despertar o socego da sombra e doce paz que envolvia o povoado.

O passo seguro das montadas dava-nos tranquilidade ao espírito e esperança d'uma excelente jornada.

Começámos a subir a encosta. Lá no alto a capelinha de S. Macario, branca e sorridente, convidanos a subir, e as ramadas dos castanheiros seculares, ajouçados com o peso dos ouriços floridos, balouçando-se com a fina aragem da manhã, parecem saudar a nossa passagem.

Meia hora depois atingíamos o alto da serra de S. Macario.

Apeço-nos. O sol rompia na amplitude do horizonte, sereno e doce, deitando pelas quebradas uma claridade mística, como uma manhã de nevoeiro, como a acordar de um sonho cheio de magnitude e fantasia.

Uma aragem fina como o gume de uma lança, arrepiava o ambiente, mas mesmo assim largo tempo me demorei junto à capelinha branca, com o olhar à procura das terras distantes além espalhadas pelos vales, pelas encostas, no alto das montanhas.

Nada ali superior a nós, além do céu límpido e anilado e do sol vermelho, que subia.

Em baixo S. Pedro do Sul, na encosta do monte Alafão, mostrava o casario branco, Vouzela ridente na encosta fronteiriça, branquejava também, e por traz, os montes do Caramulo, pareciam um mar encapelado n'uma noite de tempestade. E mais além, fechava o horizonte a serra da Estrela, como um pano de fundo, branco e extenso.

Para o nascente o sol desfolhava pequenos montados, com capelas brancas guardadas por pinheiras, e do outro lado em montes escabrosos, pe-

relogio da camara badalava, com lentidão, as quatro horas.

Ergui-me. Cá em baixo, o meu companheiro, um dedicado amigo, esperava impaciente. Partimos.

S. Pedro do Sul, dormia ainda o sono dos justos, velado por uma lua triste, no quarto minguante, que parecia uma talhada de melancia e que punha nas sébes e no casario uns tons baços de prata velha.

Os candieiros apagavam-se nos bicos de petroleo, e os galos em estridentes gargalhadas, anunciavam a manhã que ainda vinha longe.

Seguíamos por uma estrada ondulante, n'uma doce paz, apenas cortada aqui e ali por um regato, esperto e alegre cahindo das arribas, ou pelo murmurar lento de uma bica d'agua n'um tanque ornado de verduras. A lua elevou-se mais, e deixou cair sobre o vale, uma claridade serena e meiga, que nos deixava ver bem os salgueiros dormindo à beira do rio, e nos mostrava, serpenteando a estrada de Santa Cruz, além na encosta.

Chegámos a Sul, a lendária vila antiga sede do concelho, hoje esquecida entre as suas duas montanhas, mas alegre e farta, onde as uvas pendem das ramadas à beira dos caminhos, como rosarios, sem que ninguém lhe toque e ninguém as cubice.

Um bondoso velho, de suíças brancas, aguarda-nos, de braços abertos, e com um sorriso franco e leal, que nos captiva e nos atrai. Olhar de Nazareno e a sua fronte altiva e nobre, parece retratar, não aquele Zé Povinho que Bordalo pintou, mas a figura legendaria do velho Portugal,

ingreme, todo o meu prazer era ver aquele velho, rigidamente hirtito, na sua montada, deixando-me a impressão que os seus 75

ESTRADA DE SANTA CRUZ
VIVENDA JOSÉ RIBEIRO

anos se tinham reduzido a 30.

Uma terreola triste se nos depa-rou com hortas verdes e águas



quenas aldeias perdidas nas encostas, que um caminho aspero e ondulado liga ao mundo, e onde branqueja a igreja secular com o passal pobre e humilde, fechado tudo por pequenas leiras de terreno cultivado e verdejante.

Todo o resto negro e triste, os montes enormes vestidos de urzes sem que um pegueiro mostre a nota humana, dão a triste impressão de uma terra selvagem e degradante.

Mais ao fundo montanhas e montanhas sem fim, e lá distante, muito longe, ergue-se como um marco miliar a torre dos Clerigos do Porto!

O sol tinha suavizado a aragem da manhã, e ali demorei os meus pensamentos, não pelo vale de Lafões lá ao longe verdejante e alegre, mas por aqueles montes descalvados, pobres e abandonados da civilização, mas onde o povo deve ter uma alma sã, e aqueles sentimentos de bondade que nos fala Gil Vicente.

O meu fiel companheiro veio acordar-me do meu lethargo contemplativo, para me anunciar que a manhã ia alta e que o tempo apertava para descer as gargantas da Pena.

Descemos. Lá ao fundo entre montanhas que pareciam não ter saída, negreja a aldeia da Pena, umas vinte casas aninhadas, com os seus telhados de lousa, e as suas paredes negras como d'uma caverna.

Ao entrarmos no pequeno burgo, dois homens, dois latagões, ofereceram os seus prestimos. Apeámo-nos. E assombrado com os milhares do pequeno vale, e as latadas, não pude reter por mais tempo uma pergunta: Mas onde estão as gargantas do inferno?

— Um pouco mais meu senhor, respondeu um dos camponeses.

Cominhámos por um corrego estreito, e por fim, entre dois penedos, recuei assombrado ante a gruta da Pena, ou garganta do Inferno! O meu companheiro, sorria satisfeito com o meu espanto.

— E' o belo horrível! disse ele. E acrescentou, tem coragem de ir lá abaixo?

— Tenho, respondi com firmeza.

— Desça então.

A gruta é uma fenda aberta entre uma montanha de penedos, horrorosos, tão alta, que não se distingue lá uma pessoa.

Um pequeno regato cahindo ora de um penedo, ora movendo moínhos, despedaça-se ligeiro pela gruta, com alegria, com estrondo.

O caminho uns degraus junto ao ribeiro, cercado de hervas bravas, arpejava os cabelos, mas a beleza selvagem d'aquela extravagancia da Natureza, fazia-nos esquecer que um pé

que escorregasse, far-nos-hia rolar no precipício.

Chegámos ao fundo da garganta, a nossa alma extasiou-se; e ante aquela admirável beleza tive então que confirmar a frase do digno companheiro. — E' o belo horrível!

As paredes colossaes da gruta erguem-se negras e sinistras, quasi até ao Ceu, e no sitio onde nos encontravamos, tinham elas fechado o horizonte para todos os lados, como uma caverna, e creio bem que nunca um senographo ao pintar cheio de fantasia o inferno, concebeu coisa igual.

Vestiam aqui e ali, como pequenos cantões, entre a rocha, hervas bravas e rosmarinhos, que na primavera, tardia, davão lindas e exóticas flores, que ninguém ainda podera colher.

A Natureza a rir-se da humanidade!

N'uns pequenos oasis entre as pedreiras, pequenas arvores pendiam sobre nós, cuja lenha ninguém pouda cortar, e lá em cima quasi no topo, onde os picos dos alcantis parecem querer romper o Ceu, uma aguiça contemplava-nos, certamente rindo da nossa mediocridade ao fundo da garganta; depois ergueu um vôo, abrindo sobre nós as azas colossaes e desapareceu entre uma fenda da rocha.

O velho Pombal, informou que ela tinha ali ninho, onde o homem não tinha acesso.

Voltámos ao povoado. Um bondoso homem, quer-nos oferecer almoço. Não era grande cousa dizia ele, mas era de boamente. O pão é que era grosseiro, mas sadio.

Desculpámo-nos. Também o nosso almoço esperava lá em cima sob os castanheiros. Que desculpas. Prometemos voltar.

E ao despedir-me, senti uma saudade infinda em deixar aquela terra e aquela bondosa gente. Também ali eu quizeria morar, esquecer-me da gente má que nos rodeia, e nas claras manhãs de setembro ver as agulhas esvoaçar sobre a minha cabeça, como um desafio da sua grandeza!

Começou a fase mais perigosa da jornada, a subida, até S. Macario.

O caminho pedregoso, iça-se pela montanha em zig-zags, parecendo que foi talhado em angulos agudos por um raio caprichoso.

As montadas avançam com firmeza, deixando-nos ver a cada momento o precipício que nos atormentava, e que uma pata mal posta nos arrebataria.

Pombal, repetia que a egua era segura, que me agarrasse ás clinas. Mas o perigo torna-nos arrojadados, deixei-a ir a vontade.

Uma hora bem puchiada, trouxe-nos até junto do almoço, sob as ramadas

dos castanheiros, e onde comemos sem sombras de fastio.

Nova cavalgada, e estamos novamente em Sul.

Descançámos e no abraço enorme de despedida ao bondoso Pombal, prometendo voltar um dia, disse-me o digno velho, quasi com as lagrimas a bailar-lhe nas pestanas: — Volte, e que eu seja vivo, para ainda voltarmos lá.

— Deus te dê longa vida, honrado velho, e faça feliz o nosso bendito Portugal, que tu és o melhor símbolo, como a mim me fizeste feliz n'aquela deliciosa manhã de setembro.

GUERRA MAJO.

INDUSTRIA HOTELEIRA

A ACÇÃO DA SOCIEDADE
PROPAGANDA DE PORTUGAL

TEM estado, no Luzo o sr. architecto Raul Lino que, a convite da Propaganda de Portugal, foi examinar o local onde o sr. Alexandre d'Almeida, negociante d'aquella vila, pretende construir um hotel de 100 quartos, de cujo projecto o distincto architecto se encarregou. O sr. Raul Lino esteve também no «Hotel Lusitano», onde a pedido dos seus proprietarios e ainda sob a égide da Propaganda de Portugal, vai estudar a ampliação da sala de jantar, em galerias exteriores, comunicantes e a construção de um «hall» ou grande vestibulo no pateo dos cedros.

O mesmo architecto, que andou sempre acompanhado do sr. Antonio de Vasconcelos Correia, presidente da Propaganda de Portugal e de alguns membros da sua delegação no Luzo, visitou o chafariz que vai ser transformado em uma fonte artistica, projecto do sr. Raul Lino e cuja construção é subsidiada pela benemerita sociedade, a quem o Luzo deve já relevantes serviços. Também por iniciativa da Propaganda e aberta, por ela, corre ali uma subscrição, que já sobe a uma importante soma, destinada a custear na proxima estação balnear, as despesas de limpeza e rega das ruas, cuja falta de asseio, tradicional, é durante o verão agravada com a poeira, que em espessas nuvens o vento e os automoveis, levantam em turbilhões.

Oxalá as auctoridades sanitarias auxiliem este movimento, da iniciativa particular, fazendo cessar com as escurmeiras ao ar livre, e dentro das casas de habitação e bem assim intimando os proprietarios das nitreiras ou fossas, a terem estas nas devidas condições de hygiene.